

Velázquez Através do Espelho:

Reflexões e Remontagens

Alyne Cavalcante Bezerra da Silva

Resumo: Com o presente ensaio, tenho como objetivo lançar um olhar sobre a obra *Las meninas*, do pintor Diego Velázquez mantendo o foco apenas no espelho representado na parede ao fundo. Através desse debruce, lançar algumas inquietações sobre a representação de espelhos nas artes visuais de modo geral, fazendo um paralelo entre o detalhe da obra de Velázquez com obras de artistas outros, distantes de Velázquez geográfica e cronologicamente, no entanto ainda assim capazes de o influenciar ou de serem por ele, influenciados. Além disso, será proposto um pequeno exercício de remontagem com a finalidade de pensar os conceitos de visível e invisível dentro da obra de arte, percebendo as diversas possibilidades que uma obra é capaz de suscitar para além dos limites de sua moldura. E por fim, levantar alguns questionamentos internos que surgiram a partir da contemplação desse pequeno e importante detalhe, dessa grandiosa obra de Velázquez.

Palavras-chave: Diego Velázquez; Artes visuais; Espelhos; Remontagem

Alyne Cavalcante Bezerra da Silva

Mestranda em artes visuais no PPGAV da Universidade Federal de Pernambuco, (UFPE). Com licenciatura em História pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO), especialização em Ensino em História do Brasil pelas Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão (FAINTVISA) e formação técnica em computação gráfica. Servidora pública da UFPE, compondo a equipe de design da Diretoria de Comunicação. Também é membra da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC).

Contato: alyne.cbsilva@gmail.com

Ao me debruçar sobre a obra gigantesca *Las meninas* (fig. 01) do pintor espanhol Diego Velázquez, muitas perspectivas e olhares surgiram. Deixando um pouco de lado todos os aspectos analisados por Foucault em seu *As palavras e as coisas* e fixando o olhar apenas no espelho que se destaca na parede ao fundo do ambiente, me senti um pouco *Alice em através do espelho*, tentando descobrir quais inversões seriam possíveis encontrar dentro do espelho de Velázquez.



Fig. 01: Las meninas, 1656. Diego Velázquez. Fonte: Museu do Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/las-meninas/9fd-c7800-9ade-48b0-ab8b-e-dee94ea877f> Acesso em: 13 abr. 2022.

Nesse exercício, muitas inquietações começaram a surgir. Pensei na sensação de olhar para um espelho e não ver o meu reflexo e isso trouxe à lembrança a obra *La reproduction interdite* (fig. 02), de René Magritte cuja reflexão do espelho não revela o real e parece quase que como uma continuação da provocação levantada em *A traição das imagens* (Isso não é um cachimbo). E isso me fez refletir

(com o perdão do trocadilho), a respeito da identidade daqueles personagens representados ali, naquele espelho quase incógnito na parede, (não fosse pelo destaque luminoso dado especificamente a ele, mal seria notado) e qual a função de tais personagens dentro do espelho, fora da área real/virtual de pintura do quadro.



Fig. 02: La reproduction interdite, 1937. René Magritte. Fonte: Museu Boijmans. Disponível em: <https://www.boijmans.nl/en/collection/artworks/4232/la-reproduction-interdite> Acesso em: 13 abr. 2022.

Tomando como base o conceito de imagem como duplo (Debray, 1993), consigo pensar no espelho, grosso modo, como um agente criador instantâneo de duplos. Toda imagem é uma representação do real. Meu reflexo no espelho não sou eu. O reflexo das duas pessoas no espelho de Velázquez, não são o rei e a rainha, mas uma espécie de “duplo do duplo”. No entanto, o espelho de Velázquez parece não refletir o ambiente que o circunda. Não vemos nele nenhum reflexo que se nos mostra na pintura, “em sua clara profundidade, não é o visível que ele fita” (FOUCAULT, 2000, p. 9). Parece contraditório pensar nisso quando o próprio Foucault nos afirma que esse espelho “nada mais é senão visibilidade” (idem).



Fig. 03: O casal Arnolfini, 1434. Jan Van Eyck Fonte: Galeria nacional de Londres. Disponível em: <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/jan-van-eyck-the-arnolfini-portrait> Acesso em: 11 abr. 2022.

Se compararmos o espelho redondo um tanto quanto convexo que amplia a área de visão atrás do casal Arnolfini (fig. 03) na obra de Jan Van Eyck, se consegue compreender uma possível função dos espelhos nas obras de arte ao “reduplicar” o casal de costas e nos revelar uma pista para identificarmos para quê (ou para quem) os noivos olham. Parece quase uma representação instantânea tal qual uma fotografia que acessa as possíveis dimensões reais da cena retratada.

No espelho de Diego Velázquez, no entanto, essa função reduplicativa não existe. O espelho mostra uma visibilidade irreal. Talvez, uma brincadeira do próprio Velázquez por se auto representar *metalinguisticamente* pintando uma obra que o seu público nunca teria acesso, se não fosse pela pequena pista atrás do pintor, o espelho que revela uma visibilidade escondida/imaginativa, mas ainda assim real.

De modo geral, vejo a representação de espelhos nas artes visuais como uma espécie de portal que reflete o interior do observador atento. E vejo isso como um reflexo muito mais real, na medida em que não revela meu duplo, mas uma dimensão que não está dentro da obra nem no mundo real. Seria, essa dimensão, o imaginário do observador? Seria isso que significa, então, ser/estar absorto entre o olhar e o que se deixar ver? Talvez o olhar de Velázquez, na obra, na pausa entre o ato de pintar e o de olhar para seus modelos, se lance para fora da tela e alcance o nosso olhar, enquanto fruidores.

Todas essas inquietações me fizeram pensar se aquela representação dos monarcas seriam, então, uma pista para ilustrar uma obra futura, talvez encomendada pelo próprio rei. Desse modo, ao buscar retratos do rei (fig. 04) e da rainha (fig. 05), pintados por Velázquez, minha intenção inicial era a de encontrar, possivelmente, essa obra incógnita que se nos revela em seu verso, dentro do ambiente representado pelo artista em *Las meninas*. Não sabia o que iria encontrar nessa busca, mas de fato, parece que o artista resolveu deixar ignoto o tema de sua gigantesca obra, pois talvez ela mesma tenha ficado eternamente inacabada dentro do ateliê de Velázquez no universo de *Las meninas*.

Pensando no conceito da *invisibilidade*, e tomando a interpretação de Foucault da obra, sabemos que os reflexos são de fato do rei Felipe e da rainha Mariana, então tentei fazer o invisível da obra se tornar visível através de um exercício de pesquisa imagética, remontagem digital e uma pitada de ousadia.

Encontrei no acervo de Velázquez, retratos individuais do rei e da rainha, pintados bem antes de *Las meninas*. Recortei dois dos quais mais se assemelhavam em cores, formas e volumes e resolvi remontar as imagens de modo a ilustrar uma visualização possível do que Velázquez poderia estar pintando, levando em conta a posição dos personagens, a posição das volumosas cortinas, as cores, a composição da cena e a inversão causada pela reflexão no espelho.



Fig. 04: Rei Felipe IV em marrom e prata, 1635. Diego Velázquez. Fonte: Galeria nacional de Londres. Disponível em: <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/diego-velazquez-philip-iv-of-spain-in-brown-and-silver> Acesso em: 30 mar. 2022.



Fig. 05: A rainha dona Mariana de Áustria 1652-1653. Diego Velázquez. Fonte: Museu do Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/queen-mariana-of-austria/1a32172a-5ffd-4da-2-9df4-998f99f6176e> Acesso em: 30 mar. 2022.

O retrato conjunto do rei e da rainha (fig. 06) que resultou da remontagem das obras de Velázquez (e que é melhor detalhado nas comparações entre as fig. 07 e 08), obviamente não é real, que fique compreendido, apenas serve para trazer à visualidade umas das muitas hipóteses levantadas acerca do intrigante espelho em contraponto com as costas da tela enorme na qual o pintor trabalha eternamente.

Fig. 06: Rei Felipe IV e dona Mariana, 2022. Montagem digital. Fonte: A autora.





Fig. 07: Representação do rei Felipe e da rainha Mariana, 2022. Montagem digital. Fonte: A autora.

À luz do texto de Foucault sobre a obra *Las meninas*, e depois de algumas horas de contemplação, surgiu uma questão que aqui coloco como fechamento deste ensaio, mas que na verdade, foi a inquietação inicial que me lançou para dentro dessa obra: Por que Velázquez escolheu não nos revelar o conteúdo da tela em que trabalha? A resposta é que eu não sei. Muitas suposições surgem aqui e ali, e talvez o artista quisesse só causar esse atravessamento no imaginário dos apreciadores da sua obra.

Consigo, no entanto, pensar que algumas vezes, uma obra não precisa representar nada para comunicar tudo. Pegando gancho numa passagem de Didi-Huberman em seu livro *O que vemos, o que nos olha*, ao trazer apontamentos sobre a arte cristã à luz do episódio de São João que, ao se deparar com o túmulo vazio de Cristo, acredita na ressurreição: “e viu e creu (et vidit, et credidit) [...] mas ele, que é que ele viu? Nada, justamente [...] uma aparição de nada, uma aparição mínima [...] Nada ver, para crer em tudo”. (2010, p. 42).

Então talvez Velázquez tenha incitado a nossa fé em *Las meninas*. Com uma “aparição mínima” refletida em um espelho, que talvez seja propositalmente ignorado por todas as personagens da cena, mas que brilha para o observador atento, fazendo a pintura gigantesca (em dimensões físicas e interpretativas) se tornar uma contemplação *ad infinitum*.



Fig. 08: Recorte de *Las meninas*, 1656. Diego Velázquez. Fonte: Museu do Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/las-meninas/9fdc7800-9ade-48b0-ab8b-edee94ea877f> Acesso em: 13 abr. 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Lisboa: Krym+Eaum, 2014.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**. Uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O inesgotável, ou o conhecimento através das remontagens**. In: Atlas ou o gaio saber inquieto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. São Paulo: Paz e terra, 2014.